



**XXXIII SIC** SALÃO INICIAÇÃO CIENTÍFICA

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2021: SIC - XXXIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| <b>Ano</b>        | 2021  |
| <b>Local</b>      | Virtual   |
| <b>Título</b>     | Vida sem utopia não entendo que exista: o Matriarcado de Pindorama    |
| <b>Autor</b>      | ALÉRCIO PEREIRA JÚNIOR  |
| <b>Orientador</b> | REJANE PIVETTA DE OLIVEIRA  |

**Autor:** Alécio Pereira Júnior

**Orientadora:** Rejane Pivetta

**Instituição:** UFRGS

### **“Vida sem utopia não entendo que exista”: o Matriarcado de Pindorama**

A escrita e a reflexão acerca da utopia são uma constante na obra de Oswald de Andrade. Este trabalho tem como objetivo explicitar os termos como o conceito de utopia, vinculado a uma visão antropofágica do mundo, atravessa a produção do escritor. Considera-se, como base de análise, três momentos-chave no desenvolvimento do conceito: as reverberações na pintura *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, e no *Manifesto Antropófago*; a filiação do autor ao Partido Comunista e seu engajamento político, visto sobretudo em *O rei da vela*; a retomada da antropofagia, consolidada como filosofia, no ensaio “A crise da filosofia messiânica”. A partir da leitura do *corpus* literário e teórico do autor, busca-se explicitar os elementos caracterizadores da “utopia antropofágica”, salientando seus desdobramentos nestes três momentos distintos. Como resultado parcial, é possível formular a ideia de um Matriarcado de Pindorama, pincelado no *Abaporu* e no *Manifesto*, radicalizado como crítica ao capital e à família patriarcal e, por fim, expandido como categoria de análise da história e do humano. Em cada um desses momentos, apresenta-se a ideia de utopia como absorção das violências do processo colonizador, num movimento de incorporação da diferença e da alteridade, suprimidas pela civilização do progresso. Desse modo, a utopia antropofágica comporta uma operação de transformação permanente das relações entre o eu e o outro, no horizonte da qual o futuro se põe “em marcha”, não como promessa, mas como impulso e potência de vida.